



SÍNTESE ESPECIAL

SUBSÍDIOS PARA DEBATE

Número 20 - 21/07/2025

Tarifaço de Trump contra o Brasil: disputa geopolítica e ataque à soberania

Em 9 de julho, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, divulgou na própria rede social documento, com o selo oficial da Casa Branca, endereçado ao presidente Lula Inácio Lula da Silva. No texto, Trump critica o governo brasileiro, citando o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, acusa o país de atacar as eleições livres e a liberdade de expressão, além de mencionar que o Supremo Tribunal Federal estaria impondo censura às redes sociais. Ele também afirma que o Brasil mantém, há anos, relações comerciais injustas, que prejudicam os interesses dos Estados Unidos.

Com essas alegações, anunciou que os EUA passarão a cobrar tarifas de 50% sobre produtos brasileiros, a partir de 1º de agosto, e abriu investigação, conduzida pelo representante de comércio dos EUA, sobre suposta prática comercial do Brasil para restringir as exportações americanas. O documento, em tom ameaçador, usa as tarifas como instrumento de pressão para forçar mudanças internas no Brasil nos âmbitos político, comercial e regulatório. O presidente norte-americano coloca seu país como vítima de suposto protecionismo praticado pelo Brasil e faz um alerta: empresas que tentarem driblar as tarifas por meio de triangulações comerciais, ou seja, enviando produtos ao mercado americano por meio de outros países, serão penalizadas com taxas ainda mais altas. A única exceção será para empresas que produzirem diretamente dentro dos Estados Unidos.

A imposição de tarifas comerciais pelos Estados Unidos não é novidade no governo Trump e não se limita ao Brasil. No entanto, a prática ganhou força com o início do segundo mandato do presidente norte-americano, iniciado em 2025. Além de retomar a

retórica protecionista do primeiro governo, ele adotou agora uma postura mais agressiva, com medidas unilaterais contra diversos parceiros comerciais. Essa estratégia reacende tensões e incertezas no comercial mundial, com potenciais impactos sobre cadeias produtivas e acordos internacionais. A política externa comercial dos EUA desafia abertamente o sistema multilateral de comércio construído desde o final da Segunda Guerra Mundial ao apostar em uma lógica de confronto que pode ser interpretada como uma “caça às bruxas” econômica.

O ápice da guinada na política comercial dos Estados Unidos ocorreu em 02 de abril de 2025, data denominada “Dia da Libertação” pelo governo norte-americano, quando foi anunciada a adoção de tarifas “recíprocas” sobre todas as importações. A medida provocou reações imediatas nos mercados, dos governos em todo o mundo e gerou preocupações entre analistas e organismo internacionais. Instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI), mas não só, revisaram para baixo as projeções de crescimento global, alertando que o aumento das barreiras tarifárias compromete o dinamismo do comércio internacional e pode acentuar a desaceleração da economia mundial.

Trump justificou a medida com o argumento de que ela seria necessária para corrigir desequilíbrios históricos nas relações comerciais e proteger a indústria norte-americana. Segundo ele, os déficits persistentes na balança comercial dos EUA representariam prejuízo acumulado ao longo dos anos. A lógica por trás da medida é frear as importações, estimular as exportações e desvalorizar o dólar - tudo com o objetivo de incentivar a produção interna e criar empregos. Em outras palavras, trata-se de tentar fazer os americanos “comprarem menos e venderem mais”, algo que contraria o padrão de consumo historicamente dominante no país. O objetivo final é aumentar a competitividade econômica norte-americana, especialmente diante da China, considerada o principal rival comercial e estratégico.

A atual ofensiva dos Estados Unidos acontece em cenário distinto do passado. Desde a crise financeira e imobiliária de 2008, o país tem adotado uma postura cada vez mais agressiva no sistema multilateral de comércio em reação ao avanço de outras potências e à ameaça de perda de hegemonia mundial. Em 2005, os EUA respondiam por cerca de 23% da indústria manufatureira no mundo, parcela que caiu para 15,1% em 2023. O avanço de economias emergentes, especialmente da China, e o processo de desindustrialização norte-americano, impulsionado pela migração de cadeias produtivas para países, como México, Canadá e regiões da Ásia, ajudam a explicar essa retração.

No caso do Brasil, os argumentos utilizados por Trump para justificar as tarifas não se sustentam. Os EUA não registram déficit comercial com o Brasil desde 2009. Ainda assim, o governo norte-americano impôs, inicialmente, tarifas de 10% sobre os produtos

brasileiros, com alíquotas mais elevadas para setores estratégicos: aço e alumínio (25% e, depois, 50%), automotivo (25%) e semicondutores (25%).

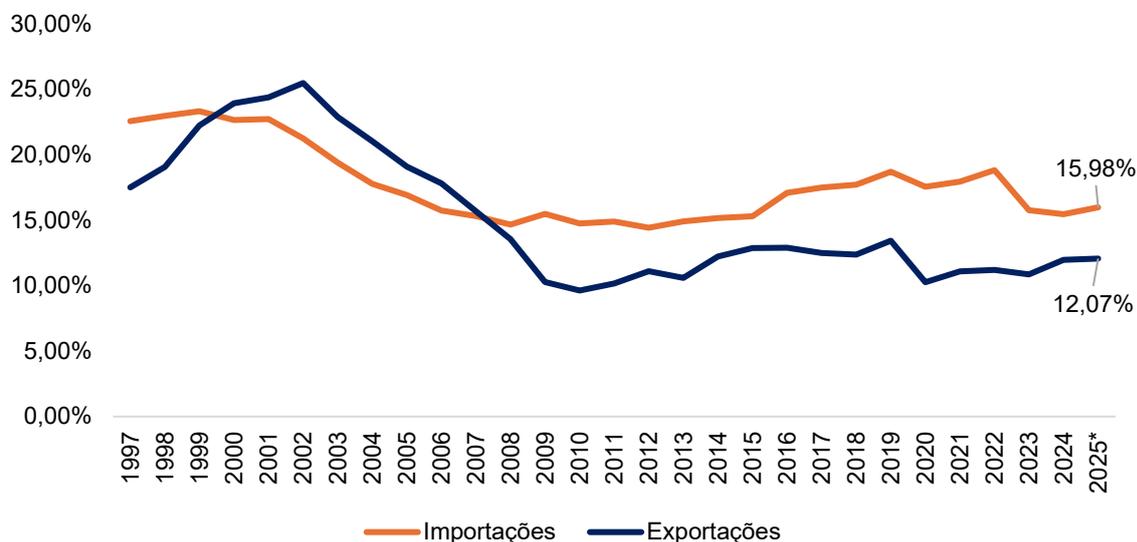
Em resposta à carta pública divulgada por Donald Trump, o governo brasileiro manifestou-se oficialmente em 15 de julho. Em carta assinada pelos ministros Geraldo Alckmin (vice-presidente e ministro da Indústria e Comércio) e Mauro Vieira (Relações Exteriores), o governo expressa indignação diante das novas tarifas, classificando-as como injustas e prejudiciais para as economias dos dois países. O comunicado destacou que, desde abril de 2025, o Brasil tenta resolver as divergências comerciais com os EUA por meio de diálogo. A posição brasileira reforça que a solução negociada é o caminho mais racional e benéfico para os dois países.

Qual é a relação do Brasil com os Estados Unidos?

As exportações brasileiras para os Estados Unidos, que já ocuparam o posto de principal destino, atualmente representam entre 12% e 13% do total de vendas externas do país. Desde 2009, as exportações para os EUA ocupam a segunda posição, atrás da China. A partir daquele ano, o saldo da balança comercial entre Brasil e EUA passou a ser negativo, tendência que permanece até hoje.

GRÁFICO 1

Participação das exportações e importações dos EUA em relação ao total Brasil, 1997 até maio de 2025



Fonte: Aliceweb/Secex
Elaboração: DIEESE

Entre os principais produtos exportados para os EUA estão: combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da destilação; matérias betuminosas; ceras minerais; ferro fundido, ferro e aço e reatores nucleares, caldeiras, máquinas,

aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes, além de carnes, madeiras e derivados, aeronaves e frutas. Tratam-se, majoritariamente, de itens com baixo conteúdo tecnológico. Mesmo os produtos considerados mais sofisticados, como aeronaves e máquinas, incorporam parcela significativa de insumos importados, muitos deles provenientes dos próprios Estados Unidos, o que reduz o valor agregado nacional. No caso do petróleo, por exemplo, o Brasil exporta o “petróleo cru”, sem refino, e importa o combustível refinado, devido à limitada capacidade nacional de refino.

Os principais produtos que o Brasil importa dos EUA reforçam esse padrão: reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes; plásticos e produtos químicos; combustíveis minerais; aeronaves; instrumentos de precisão.

Ao analisar os dados por unidade da Federação, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais lideram as exportações para os EUA, respondendo por cerca de 62,4% das vendas entre janeiro de 2024 a junho de 2025.

Conforme pode ser observado a seguir, os estados brasileiros que mais exportam para os EUA têm a pauta concentrada em alguns produtos específicos, como combustíveis, minério de ferro, máquinas, café e aeronaves. Esses itens respondem por parcelas significativa do total das vendas externas brasileiras para o mercado norte-americano e, ao mesmo tempo, têm grande peso nas vendas de cada estado individualmente.

No caso de São Paulo, por exemplo, de todas as exportações realizadas, os EUA foram o principal destino no período analisado, com 19,12% do total, à frente inclusive do enviado para a China, que lidera na maioria das UFs. Quando se olha todas as exportações do Brasil para os EUA, São Paulo responde por 33,06% do total, o maior percentual entre as unidades da Federação. Já a pauta de exportação do estado do Rio de Janeiro é fortemente ligada ao setor petrolífero. Na análise das vendas externas, observa-se que 15,81% de tudo o que o Rio exporta tem como destino os EUA. Minas Gerais, por sua vez, tem uma pauta de exportação mista, com destaque para commodities agrícolas (café) e industriais (aço e equipamentos). Embora relevante, a dependência comercial mineira dos EUA é menor que a do Rio e a de São Paulo.

TABELA 1
Estados com maior participação nas exportações para os EUA, janeiro de 2024 a junho de 2025

| UF | 1º mais exportado | 2º mais exportado | 3º mais exportado | Participação do estado no total das exportações para EUA | Participação dos EUA na exportação do estado |
|------------------------------------|--|---|--|--|--|
| São Paulo | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes | Aeronaves e aparelhos espaciais, e partes | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | 33,06% | 19,12% |
| Rio de Janeiro | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | Ferro fundido, ferro e aço | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes | 17,56% | 15,81% |
| Minas Gerais | Café, chá, mate e especiarias | Ferro fundido, ferro e aço | Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios | 11,76% | 11,18% |
| Total dos 3 estados: 62,38% | | | | | |

Fonte: Aliceweb/Secex
Elaboração: DIEESE

A dependência do mercado norte-americano varia significativamente entre os estados brasileiros, refletindo estruturas produtivas e especializações regionais. Alguns se destacam pela alta concentração de exportações para os EUA. Além de São Paulo, que ocupa a quarta posição, com 19,12%, o Ceará lidera o ranking das exportações para os Estados Unidos, com quase metade das vendas para fora do Brasil destinadas aos norte-americanos. Em seguida, vêm Espírito Santo, com 30,24%, e Sergipe, 21,27%. Os principais produtos embarcados para os EUA incluem metais (ferro e aço), combustíveis e também madeira, calçados, frutas e resinas.

TABELA 2

Estados com maior dependência do mercado americano em relação às suas exportações, janeiro de 2024 a junho de 2025

| UF | 1º mais exportado | 2º mais exportado | 3º mais exportado | Participação do estado no total das exportações para EUA | Participação dos EUA na exportação do estado |
|-----------------------|--|--|---|--|--|
| Ceará | Ferro fundido, ferro e aço | Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos | Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes | 2,01% | 47,85% |
| Espírito Santo | Ferro fundido, ferro e aço | Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes | Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas). Óleos essenciais e resinóides; produtos de perfumaria ou de toucador preparados e preparações cosméticas | 7,76% | 30,24% |
| Sergipe | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas | | 0,21% | 21,27% |

Fonte: Aliceweb/Secex
Elaboração: DIEESE

O perfil das exportações brasileiras para os EUA no período analisado, mesmo sob a vigência de sobretaxas, manteve-se fortemente concentrado em commodities, como combustíveis, metais, alimentos e em produtos industriais (especialmente aeronaves e máquinas). Mesmo esses últimos, apesar da maior sofisticação em termos de valor agregado, possuem relevante quantidade de componentes importados, inclusive dos próprios norte-americanos.

O caso dos combustíveis reflete a fragilidade industrial do país. No setor de petróleo, a insuficiente capacidade de refino é resultado do desmonte da cadeia produtiva do petróleo após a Operação Lava Jato, a partir de 2011, que comprometeu investimentos e a expansão do parque de refino nacional. Quanto à dependência dos estados em relação ao mercado americano, além dos três com maior volume exportado, destacam-se Ceará, Espírito Santo e Sergipe, que têm no comércio com os EUA fatia significativa das exportações totais.

Considerações finais

A decisão do governo norte-americano de impor novas tarifas a produtos brasileiros escancara as contradições da globalização e marca um novo capítulo na disputa por hegemonia econômica e tecnológica entre as grandes potências. Ao adotar medidas protecionistas, os Estados Unidos buscam conter o avanço da China, reindustrializar a economia e reafirmar a posição dominante no comércio e no sistema financeiro internacional.

Diferentemente da medida adotada em 2018, quando o aço e o alumínio brasileiros foram inicialmente sobretaxados, mas posteriormente negociados e protegidos por meio de cotas de exportação, o novo pacote tarifário traz clara dimensão política incorporada ao discurso econômico. A justificativa do governo Trump incluiu críticas internas à política interna brasileira, como o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro e a regulação das redes sociais, sinalizando uma guinada autoritária na condução da política externa, em que decisões econômicas passam a ser influenciadas por posicionamentos políticos ideológicos e disputas de narrativas.

No curto prazo, o Brasil não pode prescindir da relação comercial com os EUA. De um lado, há forte dependência de importações norte-americanas em setores como saúde, química, eletrônica e farmacológico, áreas em que a substituição por fornecedores alternativos é limitada e de difícil implementação imediata. Por outro lado, embora as exportações brasileiras para os Estados Unidos, concentradas em commodities agropecuárias e minerais, possam ser realocadas para outros mercados, a mudança não é simples e imediata. Por exemplo, o Brasil é um dos maiores produtores globais de café e encontrar um substituto com a mesma qualidade e escala pode representar uma dificuldade grande para os EUA no curto prazo. Ainda assim, a forte concentração da pauta exportadora brasileira em bens primários reduz a margem e limita o poder de negociação do país diante de medidas unilaterais adotadas por parceiros estratégicos como os Estados Unidos.

Diante desse cenário, o Brasil precisa adotar uma estratégia articulada para mitigar os efeitos da medida e fortalecer a soberania econômica. Entre as alternativas possíveis estão: 1. diversificar mercados de importações e exportação; 2. estimular a produção nacional, inclusive via parcerias com o capital estrangeiro; 3. reorientar a produção para o mercado interno; 4. subsidiar a transição produtiva; 5. utilizar estatais e instrumentos de política fiscal e de crédito; 6. fortalecer alianças internacionais, como os Brics e o Mercosul, para construir alternativas comerciais.

No médio e longo prazo, a neindustrialização precisa ser o foco. Alianças como a dos Brics podem servir como plataforma para a modernização da estrutura produtiva, incorporando tecnologias limpas e promovendo o desenvolvimento industrial em

sintonia com a política da Nova Indústria Brasil (NIB). Esse processo deve estar vinculado a contrapartidas sociais e trabalhistas, como garantia de emprego, redução da rotatividade e reinserção de trabalhadores afetados pelas mudanças tecnológicas, como bem salientou o “Dossiê Brics+ e o futuro soberano do Sul Global”¹.

Nesse cenário de disputa entre as duas maiores economias, a integração produtiva regional exige ainda que a China reveja o protagonismo absoluto que possui nas cadeias industriais globais, abrindo espaço para uma produção mais descentralizada². Não se trata apenas de resistir ao tarifaço de Trump, mas de construir um novo modelo de desenvolvimento, soberano e sustentável, que diminua a vulnerabilidade externa e valorize o trabalho e a indústria nacional.

¹ https://rebrip.org/wp-content/uploads/2025/05/Dossie-BRICS_versao-PDF.pdf

² https://rebrip.org/wp-content/uploads/2025/05/Dossie-BRICS_versao-PDF.pdf

Anexo

Estados e principais produtos exportados para os EUA, janeiro de 2024 a junho de 2025

| UF | 1º | 2º | 3º | Participação do estado no total das exportações para EUA | Participação dos EUA na exportação do estado |
|----------|--|--|---|--|--|
| Acre | Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões | Madeira, carvão vegetal e obras de madeira | Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens | 0,01% | 3,61% |
| Alagoas | Açúcares e produtos de confeitaria | Produtos cerâmicos | Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas | 0,20% | 8,89% |
| Amapá | Preparações alimentícias diversas | Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas | Madeira, carvão vegetal e obras de madeira | 0,03% | 9,40% |
| Amazonas | Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | 0,22% | 9,83% |
| Bahia | Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas). | Produtos químicos orgânicos | Borracha e suas obras | 2,19% | 7,69% |

| | | | | | |
|------------------|---|--|---|-------|--------|
| Ceará | Ferro fundido, ferro e aço | Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos | Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes | 2,01% | 47,85% |
| Distrito Federal | Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal | Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou leite; produtos de pasteleria | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | 0,02% | 2,65% |
| Espírito Santo | Ferro fundido, ferro e aço | Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes | Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas). | 7,76% | 30,24% |
| Goiás | Carnes e miudezas, comestíveis | Ferro fundido, ferro e aço | Açúcares e produtos de confeitaria | 1,24% | 3,93% |
| Maranhão | Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas). | Produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais das terras raras ou de isótopos | Ferro fundido, ferro e aço | 1,79% | 13,34% |
| Mato Grosso | Carnes e miudezas, comestíveis | Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas ou semipreciosas e semelhantes, metais preciosos, metais folheados ou chapeados de metais preciosos | Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal | 0,96% | 1,37% |

| | | | | | |
|--------------------|--|--|--|--------|--------|
| | | (plaquê), e suas obras; bijuterias; moedas | | | |
| Mato Grosso do Sul | Carnes e miudezas, comestíveis | Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas). | Ferro fundido, ferro e aço | 1,63% | 6,45% |
| Minas Gerais | Café, chá, mate e especiarias | Ferro fundido, ferro e aço | Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios | 11,76% | 11,18% |
| Pará | Produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais das terras raras ou de isótopos | Ferro fundido, ferro e aço | Madeira, carvão vegetal e obras de madeira | 2,33% | 4,15% |
| Paraíba | Açúcares e produtos de confeitaria | Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas | Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes | 0,08% | 18,58% |
| Paraná | Madeira, carvão vegetal e obras de madeira | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes | Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de | 3,85% | 6,74% |

| | | | | | |
|---------------------|---|--|--|--------|--------|
| | | | som em televisão, e suas partes e acessórios | | |
| Pernambuco | Açúcares e produtos de confeitaria | Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões | Plásticos e suas obras | 0,43% | 7,67% |
| Piauí | Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos | Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal | Minérios, escórias e cinzas | 0,10% | 3,19% |
| Rio de Janeiro | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | Ferro fundido, ferro e aço | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes | 17,56% | 15,81% |
| Rio Grande do Norte | Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | Outros produtos de origem animal, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos | 0,22% | 8,49% |
| Rio Grande do Sul | Tabaco e seus sucedâneos manufaturados | Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em | Armas e munições; suas partes e acessórios | 4,63% | 8,94% |

| | | | | | |
|----------------|--|--|--|--------|--------|
| | | televisão, e suas partes e acessórios | | | |
| Rondônia | Carnes e miudezas, comestíveis | Madeira, carvão vegetal e obras de madeira | Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens | 0,34% | 4,75% |
| Roraima | Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes | Alumínio e suas obras | 0,00% | 0,33% |
| Santa Catarina | Madeira, carvão vegetal e obras de madeira | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes | Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios | 4,29% | 14,78% |
| São Paulo | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes | Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | 33,06% | 19,12% |
| Sergipe | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas | Óleos essenciais e resinoides; produtos de perfumaria ou de toucador preparados e preparações cosméticas | 0,21% | 21,27% |
| Tocantins | Carnes e miudezas, comestíveis | Matérias albuminoides; produtos à base de amidos ou de féculas | Outros produtos de origem animal, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos | 0,19% | 2,77% |

| | | | | | |
|--------------------|--|--------------------------------|---|----------------|---------------|
| | | modificados; colas; enzimas | | | |
| Total Geral | Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais | Ferro fundido, ferro e aço | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes | 100,00% | 12,01% |

Fonte: Aliceweb/Secex
Elaboração: DIEESE



Escritório Nacional: Rua Aurora, 957 – 1º andar
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Presidente – José Gonzaga da Cruz

Sindicato dos Comerciantes de São Paulo – SP

Vice-presidente – Maria Aparecida Faria

Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Saúde no Estado de São Paulo – SP

Secretário Nacional – Paulo Roberto dos Santos Pissinini Junior

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo – Alex Sandro Ferreira da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região – SP

Diretora Executiva – Cecília Margarida Bernardi

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

Diretor Executivo – Claudionor Vieira do Nascimento

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC – SP

Diretor Executivo – Ednilson Rossato

CNTM – Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos

Diretora Executiva – Elna Maria de Barros Melo

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

Diretor Executivo – Gabriel Cesar Anselmo Soares

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo – SP

Diretor Executivo – José Carlos Santos Oliveira

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretora Executiva – Marta Soares dos Santos

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Diretor Executivo – Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricistas da Bahia - BA

Diretora Executiva – Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – SP

Direção Técnica

Adriana Marcolino – Diretora Técnica

Patrícia Pelatieri – Diretora Adjunta

Victor Gnecco Pagani – Diretor Adjunto

Eliana Elias – Diretora da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho

Equipe técnica

Cesar Andaku

Leandro Horie

Renata Filgueiras

Ricardo Tamashiro

Rodrigo Fernandes

Patrícia Pelatieri

